

**“O SEGREDO É NÃO PARAR”: ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE  
AS CONCEPÇÕES DO TRABALHO ENTRE IDOSOS  
EM MAUÉS – AM E VERANÓPOLIS – RS**

Fabiela **Bigossi**<sup>1</sup>

O Brasil tem aumentado na última década a preocupação sobre o envelhecimento, em especial nos setores relacionados à previdência e políticas públicas. Ao contrário do que era apontado nos censos e por especialistas de diferentes áreas que se detêm em estudos populacionais, as taxas de natalidade diminuem a cada ano enquanto a expectativa de vida cresce em uma velocidade maior, fazendo com que o país experencie o mesmo movimento que há décadas é verificado na Europa de envelhecimento populacional acelerado. Concomitante a esse movimento, cresce o interesse sobre essa parcela de pessoas que vive cada vez mais e as condições gerais dessa vivência, seja no que atenda à parte fisiológica ou no que diz respeito às condições sociais. É nesse contexto que no Brasil passa-se a tratar sobre a longevidade e o crescente interesse sobre como envelhecer com a pretensa qualidade. Nesse ínterim dois municípios têm se destacado, não necessariamente por possuírem o maior número de longevos<sup>2</sup> sobre seu território, mas sim por construírem uma referência identitária de cidades longevas, esses locais são Maués, no Estado do Amazonas e Veranópolis no Rio Grande do Sul.

Na busca de conhecer quem são esses idosos, como vivem, quais são suas trajetórias, como transmitem seus saberes, quais são suas memórias coletivas e individuais, seus estilos de vivência cotidiana e como se relacionam com as políticas de longevidade municipais é que essa pesquisa foi desenvolvida nos dois locais.

Pretendo compreender como os idosos longevos<sup>3</sup>, ou seja, a partir de oitenta anos, assim como aqueles que se aproximam dessa faixa, vivenciam e narram a longevidade e como o processo de tornar-se octogenário é transformado em uma “Cultura da Longevidade” nos seus municípios de residência, principalmente através das políticas municipais nas áreas da saúde e assistência social. Procuo também,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Ou ainda quarta idade, segundo alguns autores como Juan Luis Linares (2003) e Jean-François Bickel (2007).

<sup>3</sup> São considerados longevos os idosos a partir de oitenta anos nos países em desenvolvimento, conforme classificação da OMS. A população mundial que hoje chega a chamada quarta idade, acima dos 80 anos, corresponde a 13% da população acima de 60 anos no mundo e a estimativa é de que em 2050 esse número ultrapasse os 20%, sendo que a média de crescimento da população longeva é de 3,9% ao ano, enquanto o crescimento da população em geral, considerando todas as idades é de 1,1% (IBGE,2009).

avaliando a complexidade do fenômeno de envelhecer na sociedade contemporânea, considerar a contribuição de outras áreas do conhecimento que têm se voltado a compreensão desse processo, visto a importância da multidisciplinariedade para apreender esse objeto, assim como, para contemplar o objetivo de compreender a criação de uma identidade dos municípios, construída em torno da expectativa de vida de seus moradores, amparada especialmente nos conhecimentos de profissionais da área da saúde. Para compreensão desse fenômeno, são também interlocutores nesta pesquisa idosos situados abaixo dessa faixa etária, além de pesquisadores de outras áreas que tem seu foco de interesse no tema do envelhecimento, “peritos”<sup>4</sup> em longevidade, evidenciando a multidisciplinariedade que caracteriza os estudos sobre essa população.

A exemplo da ênfase que as discussões sobre envelhecimento tomaram na Europa, em parte da Ásia e na América do Norte nos últimos vinte anos, a sociedade brasileira vive um momento de interesse crescente relacionado à temática do envelhecimento da população. As discussões, de forma geral, caracterizam-se pelos desafios que se impõe à sociedade a partir do reordenamento da pirâmide etária. O envelhecimento populacional é tratado na esfera pública e privada e as preocupações versam sobre temas que abrangem a qualidade de vida, as políticas públicas, o sistema de previdência e as próprias redefinições e concepções de discursos e nomenclaturas ligados a essa etapa da vida não raro vinculadas ao tema do desenvolvimento urbano (cidades, metrópoles), estilo de vida nas situações moderno-contemporâneas e desenvolvimento científico-tecnológico (avanço da ciência e da medicina gerontológica privilegiadamente). Ao mesmo tempo em que o declínio acentuado e sistemático da fecundidade vem ocorrendo, os idosos, ou seja, o segmento com 60<sup>5</sup> anos e mais de idade, conforme o IBGE, tem seu peso relativo aumentado no total da população e assiste assim ao aumento da longevidade.

Enquanto as projeções para a virada do século eram de que o Brasil contasse com uma população acima de 65 anos superior a 8,7 milhões (Berquó,1999:38), os dados divulgados pelo IBGE em setembro de 2008 divulgam um número de pessoas acima de 60 anos que se aproxima de 20 milhões de idosos, o que corresponde a mais de 10% do total da população nacional. Conforme o IBGE, estes dados revelam que o

---

<sup>4</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

<sup>5</sup> Conforme definição da ONU é considerada idosa as pessoas acima de 60 anos nos países em desenvolvimento e a partir dos 65 anos nos países desenvolvidos, onde a expectativa de vida é maior.

país encontra-se em processo de envelhecimento populacional, o que evidencia a crescente preocupação dos setores públicos e privados com relação a esse debate.

Em todos os países desenvolvidos e em desenvolvimento a expectativa de vida aumentou consideravelmente no último século e tem sido atribuída pelos gerontólogos à melhoria dos níveis de nutrição e dos serviços de saúde. Ao examinarmos os dados do censo populacional tem-se dimensão do movimento acelerado em que tem ocorrido o aumento da expectativa de vida. Em 2000 a expectativa de vida no Brasil era de 64,8 anos para os homens e 72,5 para as mulheres. Dez anos depois, as mulheres vivem em média 77 anos enquanto os homens 69,4 o que elevou a expectativa de vida ao nascer dos brasileiros para 73, 2. Em vinte anos a expectativa de vida no Brasil aumentou 10 anos. No ano 2000 a participação da população com mais de 65 anos era de 5,8% sobre o total de habitantes. As últimas projeções indicam que esse segmento será de 15% da população no ano de 2020, aproximando o Brasil aos países mais desenvolvidos em termos de números absolutos e de participação dos idosos no somatório da população, além de caracterizar o processo de envelhecimento brasileiro entre um dos mais velozes no mundo<sup>6</sup>. O Centro Latinoamericano e Caribeño de Demografia - CELADE, órgão da Comisión Económica para América Latina y el Caribe - CEPAL, das Nações Unidas, classifica o envelhecimento brasileiro como um processo moderado avançado (IBGE, 2008).

Neste artigo, após a breve contextualização e exposição da pesquisa de maneira geral, busco discutir qual é o lugar do trabalho nessa fase da vida reconhecida como um período de desligamento de atividades formais no mercado de trabalho, de interrupção de uma profissão e de readequação do tempo que deixa de ser marcado pelo compasso do horário de trabalho ou desaceleração no ritmo das atividades, isso tudo, considerando o lugar central que o trabalho tem na vida do indivíduo na sociedade contemporânea. Para realizar a discussão, pautada nos dados do trabalho de campo, optei por distinguir três pontos que para mim são fundamentais no processo de compreender qual o lugar do trabalho na experiência de envelhecimento desses idosos. O primeiro ponto discutido diz respeito ao “Valor-Trabalho”, o segundo, à proposta corrente hoje quando se fala em terceira idade, o “Envelhecimento Ativo” e por fim, mas não menos importante e uma das discussões centrais atualmente, a aposentadoria.

---

<sup>6</sup> Para obter mais dados estatísticos sobre o processo de envelhecimento brasileiro consultar a página: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/117a.html>. Página consultada em novembro de 2009.

## **A transmissão do “valor-trabalho”**

Veranópolis está localizada na mesorregião nordeste do Rio Grande do Sul, intitulada como a “terra da longevidade” no Brasil e com uma intensa propaganda e reconhecimento do município devido a qualidade de vida dos idosos, sendo que a região destaca a importância do valor-trabalho e da alimentação, baseada na comida típica italiana, como grandes responsáveis pela longevidade dos seus moradores.

Na cidade de Veranópolis optei por iniciar a pesquisa entrando em contato diretamente com um casal de idosos e a partir destes construir uma rede de interlocutores indicados por eles e posteriormente dar continuidade a pesquisa através de algum órgão municipal institucionalizado ou de grupos de terceira idade da cidade. A pesquisa de campo em Veranópolis foi iniciada em 2009 a partir de uma rede informal de contato, que me apresentou a um casal de idosos, seu Guilherme e dona Joana. A parte inicial da pesquisa, com oito idosos contatados deu-se dessa maneira, através de uma pessoa que acionava sua rede de contatos na cidade e então eu chegava até os idosos, que possuíam algum parentesco com a pessoa moradora da cidade também, que era acionada pelo membro mais próximo a mim nessa rede toda. Alguns dos idosos entrevistados possuíam parentesco entre si, outros apenas se conhecem por intermédio da participação em atividades religiosas e por pertencerem ao mesmo bairro.

As entrevistas com os idosos foram desenvolvidas nas suas casas, sempre previamente agendadas conforme a disponibilidade que me apresentavam. Costumava passar a tarde em companhia deles, enquanto conversávamos e conhecíamos o espaço doméstico.

O município é composto majoritariamente por descendentes de imigrantes italianos e a longevidade por sua vez vai ao encontro da valorização desta etnia e do imigrante bem sucedido nessa ‘saga de sucesso’ da colonização do município com seus valores de alimentação farta e religiosidade intensa juntamente a uma saga do progresso pelo trabalho, conforme Michel Maffesoli (1987), associada à interação com o meio ambiente proporcionada pelas características de uma pequena cidade interiorana na serra gaúcha, com baixos índices de violência e poluição principalmente. Em Veranópolis tive acesso a livros contando a história da família e a imagens dos próprios idosos contando sua trajetória e da família a partir dos álbuns guardados.

A política municipal adotou a identidade da longevidade enquanto símbolo de seus moradores baseando-se em um estudo epidemiológico do envelhecimento

desenvolvido a partir de um projeto da Organização Mundial da Saúde em 1994<sup>7</sup>. Não é necessário ingressar na cidade para reconhecer essa apropriação simbólica. Ao passar pela rodovia que leva ao município as placas que anunciam a ‘Terra da Longevidade’ são inúmeras e os pontos de ônibus são recheados com os dizeres das crianças em idade escolar que participam de concursos municipais com frases sobre a longevidade na cidade, evidenciando que o discurso e interesse pela idade avançada inicia bem antes de ultrapassar os sessenta anos na ‘terra onde se vive mais’.

Seu Guilherme foi meu interlocutor mais velho. Aos seus noventa e seis anos, encontrei com ele pela primeira vez na sua casa, acompanhada de um de seus filhos e da esposa no verão de 2010. Muito carismático contou-me sobre suas atividades diárias, deixadas para trás há pouco mais de três meses porque sentia muita dor na perna esquerda, essa dor o incomodava há algum tempo, mas ultimamente tinha se tornado insuportável, obrigando-o a abandonar sua plantação. Antes dessa enfermidade, ele caminhava diariamente seis quilômetros, fazendo o percurso, sozinho, até a chácara na localidade de Lagoa Azul, interior de Veranópolis, onde possuía uma chácara herdada dos pais e local esse onde havia se criado e criado os filhos. Seu Guilherme disse que hoje em dia era mais fácil percorrer essa distância porque a estrada já era asfaltada, então o pó da antiga estrada de chão batido já não atrapalhava a caminhada.

A chácara seu Guilherme herdou porque fora o último filho a sair da companhia dos pais. Trabalhou na agricultura ao lado deles e depois construíram um moinho para moer o milho que plantavam. Seu Guilherme contou-me então a sua engenhosidade na concepção e construção do moinho. Dizia ele que muitas das peças que havia inventado ainda estavam guardadas no porão da casa, guardava “*de lembrança*”, ao que sua mulher assinalava negativamente, dizendo que na verdade aquilo era uma bagunça. Seu Guilherme convidou-me para conhecer as raridades que ele guardava no porão, escondido dos olhos de muita gente curiosa, que segundo ele, queriam que ele lhes desse várias dessas peças porque sabia que “*tinham utilidade ainda*”. Seu Guilherme narrava e explicava com gestos como funcionava a máquina principal para moer o milho, com seus moedores de pedra que se encaixavam conforme uma engrenagem que ele havia concebido e “*o milho saía fininho, fininho*” e finalizando a explicação disse que um dia eu tinha que ir lá passar a tarde e então ele me mostraria tudo o que guarda

---

<sup>7</sup> Informações disponíveis no site do município: <http://www.veranopolis-rs.com.br>.

no porão, que ele mesmo inventou. Infelizmente esse dia não chegou a tempo e seu Guilherme faleceu.

A primeira vez que fui a casa deles seu Guilherme orgulhoso falava do quanto a esposa trabalhava caprichosamente e era dedicada à casa. Dona Joana diz que sempre foi muito trabalhadora, aprendendo esse valor ainda quando criança porque via que sua mãe não gostava muito dela e então ela se esforçava ao máximo para ganhar alguma atenção.

Dona Joana não fica sentada sem o ‘fuxico’ em mãos. Cria e faz trabalhos para vender com os pequenos tecidos cortados em círculos e presos por uma linha que lhes dá o formato de uma flor. Dona Joana diz que não consegue ficar parada. Dentro de casa cuidava de seu Guilherme e fazia seus fuxicos, fora dela, diariamente cuida da horta e do canário que fica na gaiola ora na varanda, ora na cozinha.

Após o falecimento de seu esposo, Dona Joana disse-me que continuava com seu ritual diário de ir à horta pela manhã depois do café. Antes ia mais tarde porque acompanhava seu Guilherme enquanto ele tomava café, depois, enquanto ele recolhia o café da mesa ela já se dirigia para a horta. Agora tenta fazer outras coisas pela manhã para passar o tempo, inclusive porque com a proximidade do inverno mexer na terra de manhã não é uma possibilidade muito viável. Olhava através da porta da cozinha entreaberta para a horta enquanto mais do que falar, parecia-me que pensava em voz alta: *“é, vou ter que plantar menos, agora sou só eu”*. Dona Joana disse-me que sempre plantaram quase todas as frutas, verduras e legumes que consomem, *“porque assim a gente sabe o que está comendo”*, enfatizando que não faz uso de agrotóxico algum na plantação e que por isso seus vegetais não ficam tão bonitos quanto os do supermercado, mas por outro lado ela fica segura com o que está consumindo.

O “valor-trabalho”, que é intrínseco à ideologia da sociedade moderna e individualizante, adquire um espaço importante, tendo em vista que os longevos sustentam que manter-se ativo, seja com o trabalho formal ou informal, na sua maioria das vezes no cultivo da terra, é fundamental para alcançar vida longa e com qualidade.

A construção social da identidade do grupo em questão, ou seja, os valores<sup>8</sup> culturais compartilhados, especialmente o “valor-trabalho”, aqui, considera a inscrição

---

<sup>8</sup> Conforme observa Louis Dumont (1992), essa ideologia, essa tendência individualista que se impõe, acompanha o desenvolvimento moderno da divisão do trabalho que Durkheim denominou de solidariedade orgânica - fruto das diferenças sociais.

do grupo em tempos e espaços vividos e pensados como encompassadores da coletividade, pela comunhão de um modo de pertencimento diverso” (Eckert, 1993:12).

A importância do valor-trabalho, enquanto ideal da sociedade individualista contemporânea, também é destacada pelos longevos, através de suas narrativas, enquanto potencializador para manter-se saudável ao atingir a longevidade.

Em Maués, a primeira vez que tomei o guaraná<sup>9</sup> foi na casa de seu Luiz, conhecido na cidade como um dos “famosos” idosos que já apareceram no Globo Repórter<sup>10</sup>. Assim que terminei de tomar o guaraná, agradecendo e fazendo elogios, seu Luiz quis mostrar-me o guaranazal. Contou-me que tem “pés de guaraná” com mais de dezenove anos. A limpeza do solo do guaranazal e posteriormente a colheita do guaraná é obra de seu Luiz e da esposa. São eles dois que cuidam. Seu Luiz tem oitenta anos e trabalha diariamente na roça, é “*guaranalista desde sempre*”. Faz também farinha e disse-me que a melhor farinha de Maués é a produzida em Vera Cruz, a maior ilha habitada do município. Mostrou-me o forno para torrar guaraná e as peneiras. Falou que há pouco tempo conversou com os filhos e como todos eles se dão muito bem, pegou a assinatura de todos eles para transferir a escritura do guaranazal para o nome do filho mais novo, que ajuda ele no guaranazal. Fez isso porque os demais estão longe e ele não quer ver o mato invadir o guaranazal, assim, o filho mais novo, que já trabalha com ele ficará sempre responsável pela terra deles. Mostrou-me ainda, próximo ao guaranazal, um pé de castanha do Pará, que todos corrigem para castanha-da-amazônia, justificando que ela é típica da Amazônia toda, não só do Pará. E próximo a casa, plantadas em linha reta, estão árvores de extração de látex. Seu Luiz explicou-me o processo de extração do látex e diz que trabalhou também como seringueiro. As árvores são imensas, com o tronco marcado pelas linhas nas quais escorria o látex para dentro das latas que ficavam amarradas no tronco mais abaixo.

---

<sup>9</sup> Em Maués o discurso que liga a longevidade as questões étnicas cede espaço ao que relaciona tal feito ao *ethos* do viver na floresta, sustentado entre seus habitantes especialmente pelo consumo diário de guaraná, apesar das restrições médicas impostas aos longevos devido aos problemas de hipertensão verificados massivamente na população. O cultivo do guaraná é a principal atividade econômica do município, e além da exportação gera lucros através do turismo, explorado a partir das festas da colheita do produto e na tese sustentada pelos mauenses que de lá provém o melhor guaraná do mundo. Curiosamente, cada habitante sabe indicar um lugar onde se deve ou não tomar ou comprar guaraná, ressaltando ao final da conversa, que “*na verdade mesmo, o melhor é tomar o guaraná que se planta*”, além, de darem preferência ao guaraná em bastão do que aquele em pó.

<sup>10</sup> O Globo Repórter é um programa televisivo da Rede Globo e que no dia 13 de agosto de 2010 exibiu uma reportagem sobre a longevidade em Maués e seu Luiz foi um dos entrevistados pelos repórteres sobre qual é o segredo da longevidade.

A transmissão do gosto pelo trabalho aos filhos é relatada pelos idosos como um motivo de muita alegria e que de alguma maneira prova o sucesso deles próprios na transmissão de saberes e valores aos filhos. É a concretização de um projeto familiar, que mesmo que os filhos não restem ao lado dos pais na realização do mesmo trabalho, todos *“estão bem encaminhados”*, ou seja, aptos a construir novos projetos familiares.

Dona Creusa também mora em Maués e é costureira. Aprendeu a costurar na máquina com nove anos. Sempre teve uma vida difícil. Nasceu no interior da cidade de Maués e foi criada pela avó. Foi para a cidade, Maués, com sete anos e sua avó a colocou na casa da mulher do delegado para *“aprender alguma coisa e frequentar a escola”*, pois *“não queria ver a neta burra como ela”*. Então Dona Creusa passou a cuidar das crianças na casa do delegado e a ir para a escola. Contou que chegado o final de ano fez uma peça teatral, na qual tinha um papel importante. Ela inclusive cantou a música da peça enquanto narrava sua vida. Nessa peça conheceu a mulher de um bancário da cidade, para quem passou a trabalhar e com quem permaneceu morando muitos anos da sua vida. Cuidava das crianças e ajudava nos afazeres porque não se agradava da maneira que a empregada da casa fazia. Quando viu, com treze anos começou também a cozinhar e então ficou responsável pela casa. Narra demonstrando imensa gratidão aos antigos patrões.

Na escola das irmãs maristas dona Creusa aprendeu bordado, pintura, costura. Fazia as próprias roupas, bordava as roupas velhas que ganhava e com isso garantia a admiração de todos pelo seu capricho. Na casa dos patrões havia uma máquina de costura que ninguém usava e então aprendeu a costurar assim. Para bordar ela conta que no início usava o papel que envolvia os sabonetes, *“era um papel que parecia uma seda”* e com eles aprendeu a bordar. Como não tinha dinheiro para comprar linha desfiava tecidos velhos. Dona Creusa casou jovem e teve seis filhos. O marido partiu de casa dez anos mais tarde e então ela cuidou sozinha dos filhos. Dona Creusa tem cinco filhos homens e uma mulher. Dois desses filhos moram em Manaus. O mais velho, Jorge, já foi bancário, mas *“por causa da bebida acabou perdendo o emprego e hoje está melhorando”* porque o filho mais novo está ajudando-o. O mais novo é mecânico da Ambev<sup>11</sup>. Dona Creusa se orgulha muito de ter criado bem os filhos e de todos estarem bem de vida.

---

<sup>11</sup> Companhia de Bebidas das Américas.

Dona Creusa costurou por um tempo em Manaus, citou o nome de diversas lojas nas quais trabalhou. Hoje ela vai ao Centro de Convivência dos Idosos (CCI) todos os dias e à tarde “*costura para fora*”, mas diz que tem costurado muito pouco porque já não enxerga bem. “*Teve época que eu costurava até vestido de noiva*”. No CCI ela ensina o que aprendeu em termos de costura e artesanato. Ensina a fazer tapetes, chapéus, bonecas, tem muita criatividade e capricho no trabalho que faz. Ela diz que aprendeu muita coisa porque participava dos clubes de mães. Os filhos às vezes brigam com ela por ela fazer tanta coisa de graça para os outros, mas ela diz que sempre que precisou foi muito ajudada. Dona Creusa foi também uma das fundadoras da Escola de Samba Verde e Rosa e hoje ainda tem muito prestígio entre os integrantes, até ano passado costurava as roupas para o desfile, mas esse ano resolveu se afastar porque já tem muito trabalho e o CCI toma bastante tempo.

As aposentadorias não levaram os idosos ao confinamento no espaço privado ou um retorno ao mundo doméstico, a disciplina incorporada no trabalhador e alienação ao processo produtivo acaba por construir uma concepção de que a continuidade do trabalho afasta a velhice e mesmo no CCI que foi constituído enquanto um espaço de encontro e lazer para os idosos o comprometimento das mulheres que trabalham com artesanato (bordados, crochê entre outros) aproxima-se do compromisso de um emprego formal, com cobranças de produção e comparecimento ao “local de trabalho” entre elas mesmas.

Seu Lídio tem setenta e sete anos e uma incansável disposição para invenções. Muito conhecido em Veranópolis, seu Lídio já exerceu várias atividades. Brinca ele que até já fez concorrência com os oftalmologistas da cidade, que muitas vezes eles mesmos encaminhavam seus pacientes para ele a fim de tirar alguma impureza que havia entrado no olho. O segredo de estar bem disposto nessa idade “*é um só: o amor ao trabalho com a fé em Deus*”. Seu Lídio mora no centro de Veranópolis, com a mulher, dona Lídia, e com um dos filhos. Orgulhoso ele conta que todos os filhos “*mais ou menos*” seguiram a mesma profissão que ele.

A crença em Deus e a família são valores que para os idosos, são colocados concomitantemente ao trabalho, formando uma espécie de tripé de bem-viver. Em uma conversa com Matilde, moradora de Veranópolis, ela conta que os pais viviam da agricultura, da produção de leite e queijo e da criação de porcos. Todos os filhos ajudavam em casa e ela diz que o que mais gosta de fazer é trabalhar na terra. Que sente

muita saudade de quando era criança e trabalhava na roça, diz ela que vive de saudade daquele tempo, de lembrar que a vida foi muito boa nesses oitenta anos.

Matilde mora com a irmã, Inês, e as duas dividem as tarefas da casa, mas quem normalmente faz o almoço é Inês, enquanto Matilde não dispensa os cuidados diários com a horta e o pomar que ocupam todo o quintal atrás da casa, em um terreno de 12x9, segundo informações dela. Inês não se dedica muito aos afazeres fora da casa porque no momento está com dores na coluna. Depois do almoço as duas fazem os “*servicinhos da casa*” e dormem um pouco. Fazem um lanche às 15 horas e Matilde passa o restante do tempo costurando e fazendo crochê. Na sala há cortinas, guardanapos e almofadas que ela mesma fez.

Matilde enfatizou muito o cuidado que as duas têm com a alimentação saudável, que compreende o consumo de alimentos produzidos por elas mesmas e sem agrotóxicos, diz que esse é um grande segredo para se manter saudável, além claro, de se fazer o que gosta, com horário de trabalho mas também respeitando o descanso.

Segundo Ecléa Bosi (1994) e em consonância com os relatos, cabe destacar a necessidade de atender às duas dimensões do trabalho: sua repercussão no tempo subjetivo do entrevistado e sua realidade objetiva no interior da estrutura capitalista, sendo que a fusão do trabalho com a própria substância da vida se dá na memória de outros entrevistados (Bosi, 1994: 475), considerando que “o “valor-trabalho” é intrínseco à ideologia da sociedade moderna e individualizante, mas, impregnado de seu contrário, sustenta princípios de complementaridade e reciprocidade” (Eckert, 2003: 175).

A ideologia do “valor trabalho” como vivenciado pelos idosos confunde-se com o que a gerontologia, especialmente os estudos biomédicos conceitualizam como envelhecimento ativo, segundo ponto apresentado nesse artigo.

### ***“O que importa é ter uma atividade”*: concepções sobre o Envelhecimento Ativo**

O município de Maués localiza-se a 267 km de Manaus e só é possível chegar por meio aquático ou aéreo. Às margens das águas negras do Rio Maués-Açu, a cidade tem aproximadamente quarenta e seis mil habitantes que vivem na área urbana e em comunidades nas ilhas ao redor do vasto território. Estima-se que vinte seis mil habitantes residam na área urbana.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do DATASUS indicam que Maués está entre os 10 municípios com maior proporção de idosos, com cerca de 1% de idosos longevos (com idade igual ou acima de 80 anos), enquanto que a média do Estado e da Capital Manaus está em torno de 0,5%. Proporcionalmente, o INSS encontrou no município o dobro de aposentados na comparação com Manaus. Ao todo, 1.692 moradores têm mais de 70 anos.

Em Maués o contato inicial para a pesquisa foi estabelecido através do Centro de Convivência do Idoso (CCI), com longevos de ambos os gêneros e residentes em diversos bairros da área urbana do município. O CCI é um espaço destinado ao encontro e lazer dos indivíduos da terceira idade e mantido pelo poder municipal. Posteriormente inseri-me em outros espaços que passei a frequentar através dos meus interlocutores, como a pastoral da criança, a pastoral da saúde, a ginástica semanal promovida pelo Núcleo de Apoio a Saúde da Família e nos eventos que participei ao longo do período de trabalho de campo, como aniversários, comícios, festas municipais, missas e passeios com o grupo do CCI.

Na manhã do segundo dia em Maués<sup>12</sup>, dia vinte e dois de julho de 2009, sintonizando a emissora de rádio local - A Crítica - tomei conhecimento da pesquisa que se realizava na cidade, coordenada por geneticistas, enfermeiros e educadores físicos. Era transmitida ao vivo uma entrevista com o professor coordenador da pesquisa, Euler Ribeiro e a ex-secretária de saúde de Maués, Elorides.

Brevemente foi explicada como é realizada a seleção de idosos participantes da pesquisa. Inicialmente agentes de saúde locais, cedidos pela prefeitura, passam nas casas a fim de identificar a presença de idosos nas moradias e posteriormente há por parte dos pesquisadores uma seleção e o envio de convites para a casa dos moradores para que estes compareçam ao Centro de Convivência de Idoso (CCI). São abrangidos todos os bairros da cidade e o pesquisador frisa a importância da leitura atenta ao convite, pois nele estão contidos o horário e a data que cada idoso deve comparecer ao centro. Cada dia da semana são atendidos moradores de diferentes bairros, esclarecendo que há uma divisão entre moradores da cidade e de comunidades no interior, estes últimos irão compor a segunda etapa da pesquisa, em janeiro de 2010. Neste momento Euler faz um agradecimento a todos os moradores manifestando a sua alegria com a

---

<sup>12</sup> Trago aqui extratos do diário de campo sobre minha primeira incursão em Maués, no momento, ainda não havia nenhum contato ou certeza da possibilidade de realizar a pesquisa no município.

adesão dos moradores a pesquisa, agradecendo também o apoio da prefeitura e da Fundação Muraki<sup>13</sup>.

O entrevistador, que até então não havia participado, comenta que Maués é abençoada por ser escolhida pelos pesquisadores e então Euler passa a falar da importância mundial dessa pesquisa, “*o mundo tem que imitar Maués, fazendo as mesmas coisas, os mesmos tipos de exercício, a mesma alimentação*”. Em seguida, expõe o desejo e expectativa de que Maués faça parte de um núcleo de cidades que possa entrar no círculo turístico e que os idosos de Maués ensinem ao mundo como se deve envelhecer, “*o mundo todo quer nos conhecer*”, comentando sobre seu momento atual como professor na Espanha divulgando os resultados da pesquisa e sobre os jornais espanhóis que têm destacado Maués como uma cidade importante no cenário mundial. Segundo ele, os idosos de Maués tem mais energia que os do restante do mundo e nesse momento diz que “*o esporte exclui possibilidades do desvio de caráter*”. Entre a importância mundial que a pesquisa tem proporcionado à cidade e a frase única sobre o esporte, Euler ressaltou novamente o turismo.

A secretária de saúde tomou a palavra dizendo que a expectativa era de alcançar um número de seiscentos idosos participantes na pesquisa, mas felizmente, segundo eles, acreditam que esses números serão superados. Ontem, referindo-se ao primeiro dia da pesquisa, foram atendidas quase duzentas pessoas. Antes de finalizar sua fala ela adverte que os idosos devem estar em jejum para a coleta de sangue. Após esse procedimento, que é o primeiro, eles recebem alimentação para seguir nos demais testes. Pela manhã são atendidos os idosos a partir de setenta anos e na parte da tarde os idosos entre sessenta e setenta anos.

Finalizada a entrevista, a emissora voltou à programação habitual e a cada intervalo era reforçada a importância do comparecimento dos idosos no CCI para participação na pesquisa.

A definição de qualidade de vida na terceira idade não é consensual na literatura sobre envelhecimento, porém, de maneira geral, associa-se a aspectos biomédicos que dizem respeito à deterioração e as limitações funcionais do corpo, remetendo assim às ‘técnicas corporais’ descritas por Marcel Mauss (1974) para o alcance de um envelhecimento sadio e a continuidade da participação no mercado capitalista.

---

<sup>13</sup> <http://www.muraki.org.br/>

A capacidade funcional dos idosos trazida aos estudos sobre envelhecimento através da gerontologia na década de 60 contribuiu para a positivação da imagem não apenas a partir dos próprios idosos, mas também da sociedade em geral que passa a preocupar-se com metas e programas que deem conta não apenas da doença, mas da saúde dessa população.

Na esfera das ressignificações atribuídas ao processo de envelhecer e na tentativa de positivar a imagem do idoso surge a categoria de envelhecimento ativo, que conforme publicação da Organização Pan-Americana de saúde, diz respeito ao “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (Who, 2005: 13). O envelhecimento ativo permeia a elaboração das políticas públicas nos municípios, estimulando principalmente a responsabilidade do idoso em relação ao seu corpo.

A categoria velhice está sendo desconstruída. Várias formas de doença antes especificadas e atribuídas à velhice são agora vistas como passíveis de ocorrer em qualquer fase da vida. Há, portanto, um sentido de que os velhos são iguais a todos nós e a possibilidade de uma imagem mais positiva da velhice no ocidente.

(Featherstone, 1994: 69)

O envelhecimento ativo além de dar conta dos aspectos diretamente ligados à saúde, fundamentais para a manutenção da autonomia (referente a decisões mentais) e da independência (referente às habilidades físicas) trata ainda das políticas de direitos humanos referentes aos idosos, da sua independência, participação, dignidade, assistência e auto realização, assim que, os pressupostos do envelhecimento ativo envolvem também concepções sociais do que é envelhecer com qualidade.

No dia 25 de agosto de 2010, no Museu do Homem de Maués, aconteceu a reunião de implantação do Conselho do Idoso, aliás, o esforço para que fosse implantado o conselho neste dia, mas nem o prefeito e nem o vice-prefeito apareceram para assinar o documento final. As atividades iniciaram 8 horas e estenderam-se até às 19 horas, com intervalo de duas horas para o almoço. Como de costume a Kombi buscou e levou os idosos. Um número bastante expressivo compareceu nos dois turnos, bem maior do que aquele que frequenta o CCI normalmente. Havia mais de cem idosos participando da reunião.

Os palestrantes foram o vice-diretor do conselho estadual do idoso e um conselheiro. Os temas abordaram em especial, os direitos dos idosos com relação ao

transporte e a saúde, assim como, a assistência, a violência contra o idoso e o funcionamento dos conselhos em cada município. Houve a distribuição de material informativo, como a cartilha do idoso, estatuto, atendimento de saúde e informativo sobre denúncia de violência e maus tratos.

No que diz respeito à saúde os temas comentados foram a alimentação saudável, enfatizando o perigo do consumo de refrigerantes, especialmente para os idosos hipertensos, diabéticos e com osteoporose; os problemas em torno da depressão e a sexualidade, alertando especialmente as idosas que tem se envolvido com meninos bastante jovens (por volta de 14 a 16 anos), conforme falou o conselheiro e o aumento dos casos de doenças sexualmente transmissíveis por causa do novo comportamento das idosas.

Os palestrantes insistiram muito na importância da família para o idoso e alertaram para o aumento da violência contra o idoso, partindo dos próprios filhos.

As áreas que mais se detém nas explicações sobre o fenômeno do envelhecimento são ainda aquelas ligadas à saúde e áreas correlatas. Ainda assim os estudos que se dedicam ao estudo da população acima dos 60 anos estão interessados na busca daqueles idosos que muitas vezes são idealizados nos grupos de terceira idade enquanto dinâmicos e alegres e pouca atenção está voltada aqueles que adentraram na já denominada quarta idade e que, como aponta Britto da Motta, prenuncia uma quinta idade, que segundo a autora, ninguém quer estudar ou conhecer (Britto da Motta, 2002).

Segundo Jean Mantovani e Monique Membrado (2000), a qualidade do envelhecimento sustenta-se a partir da manutenção da identidade do sujeito forjada ao longo da sua existência preservando em alguma medida o papel desses indivíduos. O sujeito não assume a identidade de velho o tempo todo, não se constituindo a velhice em um fato total porque ninguém sente-se um velho em todas as situações (Debert, 1999; Britto da Motta, 2002), salientando assim a necessidade de perceber as demais identidades que compõem os sujeitos que adentraram na velhice.

Seu Lídio e dona Lídia são aposentados mas os dois mantem-se trabalhando nos afazeres da casa, que cuidam sozinhos porque o filho trabalha fora e quase não tem tempo. Os dois disseram que não *“param quietos”*, buscam sempre envolver-se em alguma atividade e consideram imprescindível, além do trabalho em casa, *“envolver-se na comunidade”*, ajudando quem precisa, mas também divertindo-se. Seu Lídio disse que às vezes participam dos encontros do grupo da longevidade do centro, bairro ao qual pertencem. Ultimamente como tem havido bastante trabalho na oficina tem ido a

poucos encontros e a esposa sempre arruma alguma coisa para fazer também, ou visita algum parente no interior para ajudar ou fica em casa trabalhando.

Logo na saída da oficina Seu Lídio mantém um viveiro de aves. Um grande viveiro, aliás, em que é possível ficar em pé tranquilamente e onde há inclusive uma árvore para os pombos que ele mantém nesse viveiro. Ele é quem cuida das aves enquanto dona Lídia cuida das orquídeas espalhadas por vasos na sala, na área em frente à casa e no muro lateral. Seu Lídio diz que ajuda a mulher nesse afazer, mas interfere pouco porque ela prefere cuidar sozinha das flores. Dona Lídia contou-me que várias pessoas deixam suas orquídeas aos cuidados dela quando percebem que a planta está morrendo, porque sabem que ela “*ressuscita*” as plantas.

O estilo de vida que seu Lídio e dona Lídia mantém são interessantes para pensar as diferenças entre o trabalho masculino e feminino na relação com a casa (Weber, 2009), mas que não necessariamente constituem-se enquanto doméstico, no sentido primeiro do termo, para o casal, na medida em que, mesmo trabalhando em casa, ele mantém sua atividade na oficina e o viveiro de pássaros, com acesso direto para a rua, enquanto ela faz o cultivo de suas orquídeas na varanda, com acesso direto para a porta da cozinha e as janelas da sala.

O envelhecimento ativo por sua vez, caracteriza-se também enquanto um novo projeto de vida a imagem que os idosos têm da aposentadoria e do término de uma relação formal de trabalho não indica o fim dos projetos de vida e a proximidade da morte ou de uma concepção de velhice que remeta à exclusão, mas sim de que essa fase que configura-se como um período de reconstrução, mostrando a diversidade de estilos de vida criados em função da classe social e das demais identidades ou do tipo de unidade doméstica em que os idosos estão inseridos, reconhecendo a individualidade da experiência humana e contrapondo-se à imagem do idoso em crise.

### **Reinventando projetos: a etapa da aposentadoria**

É impossível não falar de aposentadoria quando se fala de trabalho na terceira idade. A proposta de tratar da aposentadoria neste artigo, visa elucidar a valorização do “valor-trabalho” na transmissão de saberes entre as gerações e também na distinção entre o trabalho e a bricolagem<sup>14</sup>, caracterizada como um trabalho paralelo que não

---

<sup>14</sup> O termo bricoler e todos seus derivados, assim como a complexidade do mesmo, é discutido densamente na etnografia de Florence Weber (2009).

tenha inserção no sistema mercantil (Weber, 2009).

Seu Guilherme foi por longos anos empregado em uma famosa indústria de armas da cidade. Mesmo depois de ter se afastado formalmente da empresa continuou prestando assessoria, informalmente, e disse que toda vez que não conseguiam resolver algum problema no desenvolvimento do projeto de uma nova arma recorriam a ele. Segundo ele, o problema é que hoje as etapas de concepção e construção encontram-se muito distante uma da outra, enquanto na época em que ele trabalhava todo o processo era desenvolvido pela mesma pessoa, o máximo que poderia acontecer se não fosse ele quem “*desse vida*” à sua criação, era acompanhar o empregado que estava fazendo a parte do trabalho manual. Hoje restam-lhe em sua casa os exemplares de algumas das armas que já foram produzidas pela empresa e também as que ele mesmo criou, essas, longe dos olhos das visitas, guardadas no guarda-roupa de um dos quartos. Todas as armas, frisa ele, em perfeito funcionamento, mas como que para tranquilizar-me, nenhuma delas com munição.

Seu Lídio, ex-funcionário da mesma empresa onde seu Guilherme trabalhou, conta com o reconhecimento dos filhos no trabalho que desenvolveu e ainda desenvolve depois de aposentado. Um de seus filhos mora em São Paulo e trabalha em uma empresa como engenheiro mecânico e Seu Lídio conta que quando o filho não consegue resolver alguma coisa ele sempre lhe telefona pedindo ajuda e só por telefone muitas vezes ele consegue ajudá-lo solucionando os problemas que o filho tem no emprego, mas “*já teve vezes que eu fui para lá ajudar ele, aí nós vamos eu e a mulher e ficamos uns dias lá com ele, com os netos e eu vou na empresa com ele para resolver, ele me chama*”. Outros dois filhos dele também trabalham no mesmo ramo de manutenção em empresas.

Em casa, Seu Lídio possui uma oficina no porão que divide com um dos filhos, a muito contragosto e segundo ele, motivo de muitas brigas porque “*eu não gosto que ele mexa, é muito desorganizado, eu tenho a minha bagunça, mas sei onde está tudo*”.

Seu Lídio, atualmente trabalha fazendo consertos em máquinas de costura e relógios antigos. Mostrava-me as diferentes engrenagens que movem os relógios e a impossibilidade de encontrar as peças para fazer esses consertos, nesse caso, é ele mesmo que refaz a peça e depois se encarrega da nova montagem. Mostrou-me algumas máquinas de costura também, algumas delas as donas acabaram por deixá-las com ele para que, se fosse o caso, ele pudesse reaproveitar as peças, mas ele não tinha coragem

de desmontá-las para não remontá-las mais. Assim, que as mantinha cobertas com panos e na expectativa de fazê-las funcionar novamente.

As máquinas que ele tem para serrar e fabricar as peças também foram concebidas por ele e explicava-me detalhadamente como havia projetado cada uma e suas múltiplas funções, uma das características das invenções de Seu Lídio. A oficina de Seu Lídio ocupa um amplo espaço na parte debaixo da moradia e possui uma divisão entre a área de confecção de peças e consertos e a parte em que fica a pequena serralheria. Quando chegamos na serralheria ganhei de Seu Lídio um presente que modestamente o ajudei a confeccionar. Meu trabalho era acionar os botões das máquinas quando ele comandasse. Saí da oficina com uma agulha de tricô feita de madeira! E uma pequena mentira para não desagradá-lo: disse que usaria sim porque sabia fazer tricô.

As sociedades complexas moderno-contemporâneas caracterizam-se e constituem-se, segundo Gilberto Velho, “por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos sociais diferenciados” (Velho, 2003:38), com uma sociabilidade em que valorizam-se as amizades, os encontros sociais, a reunião em grupos sem um caráter instrumental (Simmel, 1979) em que a atividade se justifica em si mesma na perspectiva do que o autor classifica enquanto uma cultura subjetiva que associa-se a uma sociabilidade qualificada, “situando a todos nós nas experiências tecidas por memórias compartilhadas” (Eckert e Rocha, 2005: 55). A multiplicidade dos cursos de vida, mostrada no estudo de Phillippe Áries (1981), é um valor hoje no ocidente, que vem se disseminando a partir da modernidade capitalista e que passou a segmentar as idades e onde podemos observar que cada vez mais as faixas etárias tendem a desdobramentos, denominando a toda essa crescente demarcação de fases como a colonização do curso da vida, onde cada etapa congrega problemas e soluções específicas.

O envelhecer, que acabou por muito tempo sendo construído como uma imagem dominante de idade de lamúria, dificuldades e problemas (Arcand, 1982) é hoje pensado como uma etapa da vida com tanta qualidade como qualquer outra, seja em termos biomédicos ou culturais e sociais.

Concomitante à nova configuração das etapas da vida, especialmente no que diz respeito a etapas intermediárias de envelhecimento, como a terceira idade, reconfiguram-se também as aposentadorias, que deixam de ser um período apenas de descanso e passam a configurar-se enquanto mais uma etapa para construção e realização de projetos. “A velhice começa a ser vista como um estágio de aposentadoria

ativa e o declínio físico a ela associado torna-se um fenômeno que pode ser progressivamente eliminado” (Featherstone, 1994: 63).

As noções de tempo, espaço e pessoa são categorias fundamentais em qualquer sociedade, sendo apreendidas pelo estudo dos significados construídos socialmente sobre o ciclo de vida do indivíduo e dos grupos sociais, pela compreensão da relação tensa entre mudança social e tradição, pela construção de narrativas do passado baseadas em memórias coletivas, pela análise simbólica dos espaços – lugares de memória – e pela compreensão das construções de identidade individual e coletiva neste momento da vida em que a morte está presente como referência, mesmo não sendo explícita, na elaboração desse grupo que se distanciou da ligação formal com o trabalho. (Lins de Barros, 2003).

A aposentadoria deixa de ser um marco a indicar a passagem da velhice ou uma forma de garantir a subsistência daqueles que por causa da idade, não estão mais em condições de realizar um trabalho produtivo. As mudanças no aparelho produtivo, que levaram a uma ampliação das camadas médias assalariadas, são acompanhadas de uma nova linguagem empenhada em alocar o tempo dos aposentados. Nela, as idades não são mais marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida... Meia-idade, terceira-idade, aposentadoria ativa não são interlúdios maduros entre a idade adulta e a velhice, mas estágios apropriados para a concretização de sonhos adiados em outras etapas da vida.

(Debert, 1999: 19)

A experiência contemporânea, que dissocia a aposentadoria e a velhice, é vista como uma consequência da ampliação do trabalho assalariado para as camadas médias e outros setores sociais e profissionais. Passando a abarcar setores com níveis mais altos de aspirações e de consumo, a aposentadoria deixa de ser uma forma de assegurar apenas a velhice dos mais pobres (Debert, 1999:59). Os dados trazidos pela pesquisa realizada pelo IBGE sobre a contribuição previdenciária analisam a população com idade acima de 65 anos ou mais, faixa em que os trabalhadores urbanos passam a ter direito à aposentadoria por idade e os carentes ao benefício da Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, mostra que em 2007, 84% dos idosos recebiam aposentadoria ou pensão, sendo que a proporção de idosos residentes em áreas rurais que recebem benefícios é um pouco superior à urbana (88,0% e 83,6%). Os idosos brasileiros com 65 anos ou mais de idade que continuam trabalhando eram 22,5% em 2007, sendo que 74,7% destes são aposentados. O fato de o idoso continuar trabalhando significa uma participação ativa na sociedade e minimiza o isolamento e a discriminação (IBGE, 2008).

A compreensão da construção social dos significados conferidos à velhice e ao processo do envelhecimento torna-se pertinente especialmente tratando-se da sua relação com o mundo do trabalho e dos valores que estes aposentados atribuem à sua experiência de vida, às novas práticas e concepções envolvidas nas formas contemporâneas de perceber o processo de envelhecimento, o trabalho e a aposentadoria, abrangendo inclusive os Programas de Preparação para a Aposentadoria (PPA), conforme estudo realizado por Deborah Stucchi (2003).

Bosi traz mais uma perspectiva que soma-se aos estudos da relação construída entre aposentadoria e envelhecimento. A autora escreve sobre uma “moral oficial que prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada mas firmemente dos postos de direção”, desejando vê-lo numa posição passiva e de dependência, em que necessita de cuidados para ‘seu próprio bem’ (Bosi, 1994: 78) e aponta ainda as épocas de desemprego, nas quais os velhos são especialmente discriminados. O olhar pessimista de Bosi sobre o processo de envelhecimento o associa ao afastamento do mundo do trabalho que transforma o idoso em um pária e promove uma união desse processo de afastamento do trabalho com a senilidade que começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. “A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira” (Bosi, 1994: 81).

As sociedades modernas geralmente são caracterizadas tomando por base a industrialização, a urbanização e a administração pública das populações. A cronologização geral do curso da vida com uma série de idades compulsórias para a maioria das ações, como ingresso na escola, no mercado de trabalho, casamento, aposentadoria também encontra-se no rol de atuação do Estado moderno sobre os indivíduos, assumindo o papel de padronizar e universalizar as grades etárias, “estendendo-as para todos os grupos que eram obrigados a aceitá-las como direitos e deveres dos cidadãos”. Na pós modernidade, por sua vez, há uma espécie de reviravolta, em que as faixas etárias, apesar da crescente demarcação que divide essas etapas, possuem uma linha tênue que as separa, juntamente com uma maior diversidade e embaçamento das faixas etárias (Featherstone, 1994: 62).

Na transmissão do valor-trabalho entre gerações há conseqüentemente a troca de saberes e mesmo uma profissionalização do trabalho. Dona Marilene, tem setenta e um anos e faz partos há quinze anos, corrigindo-se instantaneamente quando me relatava

sua atividade, disse que hoje já não faz mais, apenas em casos extremos porque tem medo de *“levar algum processo”*, mas que já fez muito parto. Contou de um bebê que ela salvou com um remédio feito de folhas de algodão roxo. As receitas de remédios caseiros sempre surgem em meio às conversas e trocam-se os saberes sobre a sua produção e eficácia. Dona Marilene contou então que a mãe da criança havia *“desligado o nó no cordão umbilical e isso estava produzindo muito sangramento”* e então ela amassou a folha do algodão roxo, depois destas terem ido ao forno, e colocou sobre o umbigo do recém-nascido, *“hoje ele já tem 17 anos e já é pai de família”*. Ela diz que acompanhava a parturiente na gravidez e ainda acompanhava a criança por algum tempo depois de nascida. Por isso diz que muitas vezes encontra as crianças que trouxe ao mundo e é chamada por elas de vovó. Hoje dona Marilene tem uma filha enfermeira e agora diz que esses cuidados ficam com a filha, lá no hospital, mas diz também que quando alguém lhe procura e *“não tem outro jeito”* ela não nega ajuda, porque compreende que tem muita gente no interior que não tem como fazer todas *“essas coisas de pré-natal e vir pra cá ter filho”*, então pelas condições financeiras e de distância acaba ainda trabalhando como parteira.

A identidade de trabalhador, de alguém que mantém uma atividade, mesmo na aposentadoria, permanece e continua a jogar um papel ativo nas configurações complexas de identidades que se reconfiguram o tempo todo.

## **Reflexões Finais**

As categorias de idade enquanto construções históricas e sociais são constitutivas de realidades específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios. Pierre Bourdieu ressalta que a manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida, afirmando que ao tratar das divisões por idade é dever do pesquisador lembrar que elas são uma criação arbitrária (Bourdieu, 1983).

Considerando a realização da etnografia no contexto urbano, as narrativas dos interlocutores sobre suas experiências cotidianas nessas pequenas cidades são fundamentais para a apreensão do significado do viver no meio urbano. A experiência de viver na cidade em oposição ao tempo em que viviam no interior desses municípios

surge na narrativa dos longevos evidenciando a diferença de ritmo entre esses espaços. Nesse contexto, é imprescindível compreender o grupo social em relação com o meio urbano mas também “as multiplicidades e as singularidades que encerram o vivido humano no interior desse espaço existencial criado pelo homem da civilização” (Eckert e Rocha, 2005: 83).

Concomitantemente, pensar a cidade nesta etnografia exige um esforço de pensá-la em uma dimensão que associa a pequena cidade ainda ao campo, denominada por Max Weber (1979) de “cidade agrária” e caracterizando-se “como sede do intercâmbio de mercado e de típicas indústrias urbanas” e onde grande parte de seus habitantes cobre suas necessidades através da economia própria e alguns ainda produzem para o mercado. Nas observações realizadas em Maués e Veranópolis pude observar exemplos que se aproximam dessa categoria de cidade descrita por Weber, em que as famílias dispõem de alguma proporção de terra para cultivo e tiram desse espaço a maior parte do seu consumo de frutas, legumes e verduras.

O valor trabalho é principalmente mantido na forma da bricolagem agrícola (Weber, 2009), do consumo direto e fundamentalmente diferenciado de um hobby (Weber) pois a bricolagem ainda é a associada ao trabalho enquanto o hobby ou lazer não tem necessariamente um sentido de atividade valorativa entre os idosos, mas sim de uma continuidade do trabalho na maneira como lhe é permitido nessa fase da vida.

Conforme aponta Guita Debert, há uma tendência contemporânea em rever os estereótipos associados ao envelhecimento: “A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal”, aonde a experiência de vida e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e mais velhos (Debert, 1999: 14).

Não ter um trabalho paralelo ao trabalho que exercem, mesmo quando são aposentados suscita em alguns um sentimento de vergonha, de desonra. Mesmo que a atividade seja ir ao centro de convivência para conversar ou jogar dominó o que importa é manter-se ativo, algumas vezes, é ganhar o seu dinheiro além da aposentadoria, ou como dona Creuza que ajuda no CCI porque sempre foi ajudada e seu Lídio que trabalha na oficina, mas também mantém suas bricolagens.

Na Antropologia observar o outro é observar a si, pensar a longevidade do outro é refletir sobre as teorias e discursividades da longevidade da própria cultura científica

(Eckert e Rocha, 2005). A narrativa, na antropologia contemporânea, privilegia a interpretação em detrimento da explicação e possibilita o diálogo com os sujeitos, conforme Guita Debert, esse dialogar caracteriza-se pela não imposição do pesquisador aos interlocutores de categorias que não lhes dizem respeito, referentes a teorias exteriores a eles ou dos próprios valores do pesquisador e, além disso, o diálogo dá condições aos informantes para que estes nos levem a ver outras dimensões e a pensar de várias formas a problemática que através deles nos propomos a conhecer e analisar. A partir da narrativa de uma experiência de vivência específica, possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre a problemática de investigação, muitas vezes, redirecionando nossa atenção para outros processos e para outros esquemas interpretativos (Debert, 1997).

Enfim, procurei neste artigo, elucidar as diversas maneiras pelas quais o trabalho é vivenciado entre esse grupo que vem se desconstruindo cada vez mais enquanto uma população homogênea e à margem de algumas problemáticas sociais, como neste caso, do seu envolvimento com o trabalho, seja de forma subjetiva ou objetiva.

## Referências

- ARCAND, Bernard. “*La construction culturelle de la vieillesse*”. In: *Anthropologie et Sociétés*, v.6, n.3., Québec : Département d'anthropologie/ Université Laval, 1982.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BÉCOT, Jacques; GUYAR, Jean; JEAN, Denis. “Adapter le territoire: enjeux et avenues”. In: *Vieillesse: Santé et Société – Défis et Perspectives*. Québec: Pulaval, 2007.
- BERQUÓ, Elza. “Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil”. In: *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.
- BICKEL, Jean-François. “Être actif dans le grand âge: un plus pour le bien-être ?”. In: *Retraite et Société*, n.52. Paris: La Doc. française, 2007.
- BOETSCH, G. e RABINO-MASSA, E. “Vieillesse et évolution: regard anthropologique sur l’allongement de la durée de la vie”. In: *Global Bioethics: problemi di bioetica*. Firenze: Firenze University Press, 2002.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. “Envelhecimento e sentimento do corpo”. In: *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- CHERUBINI, Bernard. “Réconcilier les âges avec la cité”. In: *Vieillesse: Santé et Société – Défis et Perspectives*. Québec: Pulaval, 2007.
- DEBERT, Guita Grin. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral”. In: *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 1999.

- DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. São Paulo: Edusp, 1992.
- ECKERT, Cornelia. “Memória e Identidade: Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)”. In: *Cadernos de Antropologia*, n.11. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1993.
- ECKERT, Cornelia. “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica”. In: *Revista Humanas. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, n.19. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- \_\_\_\_\_. “A vida em outro ritmo”. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- FEATHERSTONE, Mike. “O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento”. In: *Textos Didáticos*, 1 (13). Campinas: IFCH/ UNICAMP, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- IBGE. “Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira 2008”. In: *Estudos e pesquisas, informação demográfica e socioeconômica*, n.23. Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisas/ Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2008.
- IBGE. “Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira 2009”. In: *Estudos e pesquisas, informação demográfica e socioeconômica*, n.24. Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisas/ Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2009.
- LINARES, Juan Luis. “Le vieillissement”. In: *Cahiers critiques de thérapie familiale et de pratiques de réseaux*, n.31. Paris: De Boeck Université, 2003.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MANTOVANI, Jean; MEMBRADO, M. “Expériences de la vieillesse et formes du vieillir”. In: *Vieillir: l'avancée en age. Informations Sociales*, n.88. Paris: CNAF, 2000. p. 10-17.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.
- SIMMEL, George. “A metrópole e a vida mental”. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- STUCCHI, Deborah. “O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria”. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- WEBER, Florence. *Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- WEBER, Max. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: OPAS, 2005.

Recebido em: 04/04/2012

Aprovado em: 19/06/2012